

# Editorial

---

Com grande satisfação, apresentamos mais um volume de nosso periódico *Música Popular em Revista*. Este número marca a entrada do Prof. Dr. José Roberto Zan na função de editor, substituindo o Prof. Dr. Rafael dos Santos que permanece no periódico como membro do conselho editorial.

Duas temáticas recebem um destaque diferenciado nesta publicação. Primeiramente, a indústria fonográfica brasileira é analisada em três artigos que, com diferentes enfoques, fornecem um bom panorama sobre sua trajetória, bem como sobre as discussões que se travaram sobre o assunto. Também o rock nacional é examinado em dois artigos, sendo que um deles analisa uma trajetória individual e outro enfoca a crítica musical produzida por um periódico dos anos 1970. Completam o volume um texto sobre uma canção de Lenine e uma resenha de livro de David Treece.

O volume se abre com o artigo de **Eduardo Vicente** e **Leonardo de Marchi** que traça um panorama histórico da indústria fonográfica no Brasil, desde os primórdios do século XX até o cenário contemporâneo. Um dos aspectos centrais mostrado pelos autores refere-se à passagem de um cenário de centralização – como era o rádio no Estado Novo, as primeiras gravadoras monopolistas e, depois, as grandes multinacionais – para uma progressiva segmentação da produção musical, que intensifica de modo especial a partir dos anos de 1990, quando diversas gravadoras e produtores independentes passam a atuar. Os autores também discorrem sobre as estratégias empreendidas por grupos e artistas independentes para fazerem sua produção circular através de sistemas alternativos de distribuição e do comércio de fonogramas digitais.

Na sequência, **Claudio Armelin Melon** analisa a indústria fonográfica a partir da década de 1990, atentando para uma reconfiguração do papel das gravadoras diante da consolidação das tecnologias digitais. Melon tece suas reflexões sobre um cenário em que se observa, de um lado, a expansão das possibilidades de gravação propiciadas pelo novo aparato técnico e, de outro, o estabelecimento de

novos mecanismos de controle dos processos de divulgação e distribuição pelas indústrias do ramo.

Completando o conjunto de artigos que investiga sobre esse tema, o trabalho de **Thiago Pires Galleta** analisa a produção musical independente no Brasil, tanto pelo viés de sua história quanto dos significados que foram acompanhando essa prática. O autor examina com maior detalhamento a produção independente no contexto das tecnologias digitais, trazendo a discussão para o cenário contemporâneo. Ao apresentar discursos de músicos que atuam nessa cena musical, Galleta aponta para as diferentes concepções acerca da própria condição de independente no contexto atual.

Na sequência, **Sílvio A. L. Anaz** discorre sobre a presença do erotismo no repertório de Rita Lee. Para isso, analisa as canções “Ando Meio Desligado”, “Menino Bonito”, “Agora Só Falta Você”, “Doce Vampiro” e “Mania de Você”, que foram gravadas entre o final dos anos 1960 e o final da década 1970. Anaz se utiliza de referenciais da semiologia a partir de autores como Roland Barthes, Gilbert Durand e Algirdas Julien Greimas. A partir dessa base teórica, mostra como essas canções expressam um imaginário amoroso distinto daquele que se manifestava no rock brasileiro dos anos 1960, em especial na Jovem Guarda.

O rock volta a ser objeto de investigação no artigo de **Cassiano Scherner**. Em seu trabalho, o autor examina a crítica musical produzida pelo jornal *Rolling Stone*, que circulou no Brasil entre os anos de 1972 e 1973. Através desse material, o autor mapeia o cenário do rock no Brasil num contexto em que o Tropicalismo saía de cena, a indústria fonográfica se reorganizava e o público jovem ainda não representava um segmento de consumo de grande porte, o que trazia entraves para a consolidação de grupos e artistas ligados a esse estilo. Por fim, Scherner dá voz a diversas críticas veiculadas pelo periódico, destacando o viés contracultural subjacente a elas.

**Maura Penna** analisa a canção “A Mancha” de Lenine e Lula Queiroga tanto em sua versão fonográfica, gravada no disco *Labiata* de 2008, quanto em um vídeo produzido a partir dela por uma internauta e compartilhado através do *YouTube*. A autora aponta para os sentidos que são agregados à canção através da

adição das imagens do vídeo, inserindo-a num contexto mais globalizado do que originalmente propunha a letra de seus compositores, bem como acentuando sua denúncia de acidentes ecológicos. A última seção do artigo traz ainda um relato da utilização da canção e do vídeo em um projeto de formação continuada de professores na UFPB.

Encerrando o volume, **Silvano Fernandes Baia** faz uma revisão do livro *Brazilian jive* do músico e pesquisador inglês David Treece. De acordo com o historiador, a publicação discorre sobre a musicalidade e a cultura brasileira, representada especialmente pelo samba, pela bossa nova e pelo rap. Para o autor da resenha, uma das concepções centrais do livro de Treece é a de que haveria nesses gêneros um fundamento cultural e filosófico de origem africana. Além disso, Baia situa *Brazilian Jive* na ampla produção intelectual sobre a cultura nacional e suas implicações étnicas e raciais.

Os editores,

Prof. Dr. José Roberto Zan (UNICAMP)  
Prof. Dr. Luiz Otávio Braga (UNIRIO)